

GRADA KILOMBA: O RACISMO COTIDIANO A PARTIR DE “MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO”

Caio Henrique de Almeida¹

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

1 INTRODUÇÃO: UM BONECO NEGRO ENFORCADO

No dia 26 de janeiro de 2023, o jogador brasileiro Vinícius Júnior, que atua pelo clube espanhol, Real Madri foi vítima de um ataque racista na cidade de Madri. O poder simbólico do ato racista ultrapassou as fronteiras nacionais, alcançando o mundo. A imagem que circulou através imprensa televisiva e internet revela a dimensão da ousadia dos agressores.

A pessoa de Vini Jr, como também é conhecido o jogador brasileiro, foi representado por um boneco negro sendo enforcado. Acima do boneco, havia uma faixa nas cores vermelha e branca com a frase “Madrid odia al Real” (Madri odeia o Real). As cores são referências ao time do Atlético de Madri, rival no Real Madri. Conforme demonstra a Figura 1:

Figura 1: Madrid odia al Real.



Fonte: Reprodução/Redes sociais.

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela UFPR. E-mail: caiohtc@gmail.com.

Como reporta o jornal Brasil de Fato², esta não fora a primeira agressão sofrida pelo jogador. Uma vez que, Vinícius Júnior, durante outras partidas contra o Atlético de Madri, já havia sofrido ameaças de morte, além de escutar das arquibancadas frases como: “você é um macaco”. Ao que parece, o ódio dos torcedores do Atlético fora canalizado na pessoa de Vini Jr.

O caso sofrido pelo jogador brasileiro pode ser enquadrado no conceito de racismo estrutural, ao passo que, o racismo é praticado de forma sistêmica a partir de uma cultura, sociedade ou contexto social que permite, negligência e incentiva comportamentos racistas coletivos e individuais. Posto isto, de qualquer forma, a imagem de um boneco negro enforcado produz uma série de reverberações históricas, políticas e sociais que nos remete a um passado colonial que se manifesta no presente. Como pontua o escritor Jeferson Tenório³ em sua coluna no portal de notícias UOL⁴:

“O racismo, como sabemos, é um rizoma. É difuso. Se alastra, contamina, desaparece. Se esconde e se refaz. São muitas as cenas de racismo em estádios de futebol. Torcedores que se colocam no direito de serem racistas num pretense argumento que tudo é uma questão de amor pelo time. Sem investigação rigorosa e punição dos autores, há uma grande probabilidade de que essas ações deixem ser um simulacro grotesco e passe para algo prático. Pois se nada for feito, não estranhem se na próxima vez tivermos um homem negro de fato enforcado numa ponte.” (Tenório, 2023).

O livro “Memórias da Plantação”, Grada Kilomba, não discute sobre essa modalidade de racismo. As reflexões propostas por ela, estão centradas nos efeitos subjetivos causados sobre a psique do sujeito negro, contextualizados aqui no caso de Vinícius Junior. É o que a autora chama de *racismo cotidiano*.

Essa modalidade do racismo, não exclui os níveis institucionais e estruturais de ações racistas. Pelo contrário, o racismo cotidiano é o conceito que procurar tornar um pouco mais compreensivo as causas e efeitos dos comportamentos racistas.

O foco da obra de Kilomba é orientada por uma pesquisa documentada que serviu de base para a elaboração de uma tese de doutorado e que, posteriormente foi publicado em livro, discute os efeitos do racismo em mulheres negras.

2 Brasil de Fato. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/01/26/vinicius-jr-e-alvo-de-ataque-racista-na-espanha-boneco-com-nome-do-jogador-e-enforcad>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

3 Autor do livro “O avesso da pele”. Editado pela Companhia das letras, 2020. Vencedor do Prêmio Jabuti, 2021. Na obra, encontramos vários situações, experiências e relatos que envolve o racismo cotidiano da sociedade brasileira.

4 TENÓRIO, Jeferson. Caso Vinicius Junior releva o desejo de morte de uma sociedade racista. UOL, 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jeferson-tenorio/2023/01/30/caso-vinicius-junior-releva-o-desejo-de-morte-de-uma-sociedade-racista.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

O presente trabalho não é uma resenha. Porém, a estrutura da redação considerou acompanhar o desenvolvimento do pensamento da autora conforme a ordem dos capítulos dos livros. Assim, os temas foram sendo apresentados e as ideias forma articuladas, de acordo com a leitura e reflexões integral do texto de Grada Kilomba.

2 PLANTAÇÃO DE MEMÓRIAS: ONDE ESTÁ O TRAUMA?

“A escravidão, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contém o trauma de um evento de vida intenso e violento [...]” (Grada Kilomba, 2019)

“Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano”, publicado em 2008, de Grada Kilomba, é uma obra apesar do enfoque dado a psicanálise pode ser considerada como um trabalho interdisciplinar. Devido as perspectivas apresentadas pela leitura é possível articular as discussões expostas com outras áreas de conhecimento, como por exemplo a filosofia, história, antropologia e a sociologia. No Brasil, o livro foi publicado em 2019 pela editora Cobogó, edição que será baseada no nosso trabalho.

Na introdução do livro, Grada Kilomba (2019) fala sobre o “silêncio histórico” que fora imposto pelo colonialismo diante as populações negras: “Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes.” (Kilomba, 2019, p. 27).

Esse “silêncio histórico”, esconde uma história de resistência que precisa ser contada pelos sujeitos negros que sofreram e sofrem as consequências do racismo criado e aplicado pela *branquitude*. Dessa forma, ao contar sua história que fora silenciado, o/a negro/a torna-se sujeito da sua própria voz. A voz e a escuta, empresta ao sujeito negro/a sua condição enquanto ser humano. Por isso, Kilomba reforça que a voz e a escrita são atos políticos.

Ao escrever “Memórias da Plantação”, Kilomba procura descolonizar sua escrita. De modo que, o livro manifesta um “duplo desejo”: “o de se opor àquele lugar de “Outridade” e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo”. (Kilomba, 2019. p.12).

Ao escrever (e falar) sobre a vida e a história, o sujeito negro/a (re)encontra com suas “memórias”. Lembrando que, a memória também é esquecimento de um passado. O passado é simbolizado pela ideia da “plantação”, ou melhor, a plantação é símbolo de um passado traumático para as populações negras, pois, remetem ao colonialismo, escravidão e racismo. E no presente, as “memórias da plantação” são traumáticas. E esse trauma precisa ser colocado em evidência por

quem sofre. O sofrimento mental enfrentado pelo sujeito negro/a é um dos sintomas da discriminação. Por isso, se existe um lugar onde o trauma habita, conforme ensina Grada Kilomba, esse lugar pode ser chamado de racismo cotidiano.

3 ALÉM DA MÁSCARA DE FLANDRES: QUEBRANDO O SILÊNCIO

A narrativa do livro é construída a partir da realidade psicológica do racismo cotidiano de mulheres negras. A partir de seus relatos subjetivos, autopercepções e narrativas biográficas. Grada Kilomba toma emprestado as vozes dessas pessoas para desenvolver suas análises reflexivas a partir de conceitos psicanalíticos.

O primeiro capítulo do livro intitulado de “A máscara” encontramos, a história de Anastásia e sua “máscara do silenciamento”. Também conhecida com *máscara de flandres*, foi um objeto de tortura usado negros/negros com o objetivo de evitar a ingestão de terra, mas, que simbolicamente, representava o silenciamento da pessoa negro/negra. Essa máscara foi um instrumento cruel utilizado contra a pessoa colonizada pelo colonizador. Ela representa uma metáfora de como algo utilizado sobre o físico, isto é, o corpo, reverberando no simbólico. No caso da máscara, a boca é fisicamente tampada, mas também é simbolicamente silenciada. (Conceição, 2020, p. 350).

Segundo Kilomba, o racismo opera em múltiplas faces, entre elas, o racismo seria uma forma do sujeito negro torna-se aquilo na qual o sujeito branco não quer ser relacionado: “[...] nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer.” (Kilomba, 2019, p.38).

Mas, a partir do silêncio imposto, quem pode falar? Quem pode gritar? O opressor ou o oprimido? Quem pode e como é produzir conhecimento científico? Como tornar a realidade e experiência de sujeitos negros visíveis na teoria e na história? Como tornar mulheres negras em sujeitos falantes? Ao fazer essas perguntas, a autora, apresenta a sua forma de pensar e a sua metodologia de pesquisa. Diferente de Descartes, que procura racionalizar a partir do controle da subjetividade sobre a objetividade. Kilomba trabalha seu pensamento a partir da articulação do objetivo e subjetivo.

Para a autora, “[...] o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça”.” (Kilomba, 2019, p.53). A partir dessa colocação, precisamos entender que na ciência não existe neutralidade, na verdade a “neutralidade” é uma estratégia de dominação sobre as populações marginalizadas. Porque, o objetivo da

“neutralidade científica” é silenciar outros pontos de vistas, ou, não dar a oportunidade, do pesquisador/a articular o “pessoal” e o “subjetivo”. Criando-se, uma estratégia para inibir e dificultar o surgimento de outras perspectivas epistemológicas, que consigam ameaçar o status da “ciência” branca e europeia. Uma ciência que construiu sua hegemonia a partir de uma racionalidade que exclui contradições e alteridades. Em prol de um projeto de dominação social, política e econômica sobre outras formas de pensar, agir e sentir.

Se pensarmos, por exemplo, no surgimento da psicologia e psicanálise, e se radicalizarmos a crítica a partir de Grada Kilomba, podemos expandir o campo da dominação para a esfera afetiva, sendo o racismo, a exploração do trabalho e precarização das condições de vida são patologizados na forma de sintomas e adoecimento psíquicos, que responsabilizam o indivíduo por sua própria condição de saúde⁵.

Estar na margem no campo científico, seria ocupar um “local de nutre nossa capacidade de resistir a opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos.” (Kilomba, 2019, p.68). Porém, ao falar sobre margem, bell hooks (2013), nos alerta, para o perigo de romantizar a opressão, o sujeito marginalizado, deve agir com criatividade. Em outras palavras, o “silêncio histórico” precisa estar articulado com um “grito criativo” que consiga comunicar a sociedade a dor e sofrimento da injustiça, preconceito e discriminação. A dor e sofrimento causado pelo racismo.

Mas, como podemos definir o racismo? Como podemos dizer o indizível? De forma objetiva, o racismo, pode ser definido como a supremacia branca que impõem sobre as esperas políticas, culturais e econômicas da sociedade.

Para Grada Kilomba, o racismo é manifestado a partir de experiências subjetivas de sujeitos negros e suas realidades objetivas. No caso, das mulheres negras, a opressão e representada pelo racismo genderizado: um entrelaçamento entre o racismo e sexismo caracterizado como uma antiga fantasia colonial em relação as mulheres negras e que revela um quadro complexo de relações de poder e reconhecimento de subjetividades política, social e individual. Pensado, dentro da perspectiva do feminismo negro, o racismo genderizado é uma forma de considerar as particularidades condição da mulher negra. Diferente do feminismo branco que pensa a condição da mulher branca a partir da ideia de universal. Para o feminismo negro, essa universalidade se apresenta como “falsa”, pois, desconsidera a categoria da raça como um demarcador de opressão e desigualdade.

5 Ver SAFATLE, V; NELSON JÚNIOR; DUNKER, C. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. SAFATLE, V; JÚNIOR, N. da S; DUNKER, C. (Org.). São Paulo: Autêntica, 2020. 286 p.

Grada Kilomba, se posiciona contra o feminismo branco porque o “falso universalismo” tornar ilegítimas as realidades, preocupações e reivindicações de mulheres negras. Enquanto as experiências das mulheres brancas são legitimadas e adequadas, uma vez que, são consideradas “universais”.

Para quebrar o “silêncio histórico” é preciso levar em consideração e valorizar as experiências, condições e subjetividades das “particularidades” das mulheres negras. E, por esse caminho, que o racismo cotidiano será analisado.

4 O RACISMO COTIDIANO: UMA ANÁLISE

O racismo cotidiano é analisado por Grada Kilomba levando em consideração sete condições: 1) Políticas espaciais; 2) Políticas do cabelo; 3) Políticas sexuais; 4) Políticas da pele; 5) A palavra N. e o trauma; 6) Segregação e contágio racial e 7) Performando negritude. Cada uma dessas políticas demonstram o funcionamento do racismo na realidade de sujeitos negros a partir de duas dimensões pessoais e coletivas.

Por exemplo, as políticas espaciais do racismo cotidiano são orientadas por um “primitivismo moderno” que tende a colocar o sujeito negro em isolamento dentro do território branco. Tal prática, também baseado numa fantasia colonialista, ou seja, numa projeção branca sobre populações marginalizadas e racializadas, tendo por objetivo, controlar o deslocamento e circulação de sujeitos considerados indesejáveis.

“De onde você vem?” é uma pergunta que demarca a existência de um mundo segregado. Da qual, o sujeito negro/a, precisa justificar sua permanência em determinado local. No caso da experiência de Alicia, uma afro-alemã, que é confortada por sujeitos brancos que não reconhecem-na como, cidadã, moradora e habitante “legitimamente” alemã. Tal situação, remete os negros/as como moradores/as ilegítimos de determinadas áreas. O espaço se organiza a partir da lógica do gueto, ou melhor dizendo, o sujeito negro se vê preso a uma guetificação do espaço que pode ser pensada como uma:

“[...] ideia de uma membrana que contenha ou restrinja a negritude torna-se real em bairros negros segregados, onde pessoas negras são alocadas em áreas marginalizadas, à margem, impedidas de terem contato com recursos e bens brancos. A guetificação foi criada para promover o controle político e a exploração econômica de pessoas negras. Então, o que acontece quando negras e negros atravessam essa membrana e entram em espaços brancos?” (Kilomba, 2019, p.169).

Em relação as políticas do cabelo, estamos nos referindo em experiências que estão além da estética e aparência. Estamos falando de situações e produções de deslocamento, dissociação e associações violentas enfrentadas pela negritude:

“Às vezes, eu tenho que ignorar [...] ignorar, não, tenho de *verdrängen* (reprimir), fingir que esqueci tudo. É como se eu tivesse de cortar isso de mim, cortar minha personalidade como uma esquizofrenia. Como se algumas partes de mim não existissem.” (Kilomba, 2019, p.132).

A aparência, estética e os traumas ganham outra camada de complexidade quando pensamos as políticas da pele e as políticas sexuais. Porque elas ocupam um espaço de subjugação racial no imaginário branco. As piadas, por exemplo, são uma forma de expressar sentimentos racistas com a intenção de produzir um consenso através da risada. Nesse tipo de situação, o racismo cotidiano é duplamente potencializado. Como explica Grada Kilomba (2019), o racismo não é visto como fenômeno social, a pessoa negro/a é vitimizado(a), é confrontada com a mensagem de que sua experiência seria decorrente da sua própria sensibilidade excessiva. Portanto, o sujeito negro/a agredido é responsabilizado por ter sofrido a agressão. Ou seja, ao ser revitimizado, ele/ela é duplamente violentado.

A autora procura analisar o “processo de invisibilização do visível”: uma situação alienante, que descreve o sujeito negro com repugnância e medo. Novamente, uma fantasia colonial do imaginário branco: “[...] a luta a qual o sujeito negro é submetido, uma luta para se identificar com o que se é, mas não como se é visto no mundo conceitual branco – uma ameaça.”(Kilomba, 2019, p.153). A negritude criada pelo imaginário branco, não reconhece o sujeito negro como pessoa. Na verdade, o sujeito negro é forçado a alienar sua condição existencial para conseguir se identificar com a branquitude.

Isso acontece porque, o mundo branco dividiu a humanidade em duas autoimagens. Uma positiva que agrega os valores sociais, políticos e afetivos superiores e uma autoimagem negativa que agrega os valores inferiores. A autoimagem positiva é a universal enquanto isso a autoimagem negativa é o restante (o Outro/ a Outra). O mundo branco foi construído sobre a autoimagem positiva. Sendo assim, procurou falsamente construir uma humanidade ausente de contradições. O mundo negro é a representação das contradições que o mundo branco não reconhece, por isso, ao mundo negro fora delegado uma autoimagem negativa.

A palavra negro remete a opressão racial, brutalidade e dor. Por isso, denominar algo ou alguém por negro/negra é uma prática social complexa que esconde, um passado colonial, um presente de traumas e um futuro fraturado: “A ferida do presente ainda é a ferida do passado e

vice-versa.” (Kilomba, 2019, p.158). A palavra negro/negra revela ao mesmo tempo esconde uma dialética do reconhecimento e não reconhecimento social. Daquilo, que pode ser humanizado e daquilo, que pode ser desumanizado. Em outras palavras, do que produz *orgulho* versus aquilo que gera *vergonha*. Por exemplo, o orgulho da pessoa branca em relação a sua “beleza” e “corpo” vergonha da pessoa negra em relação a sua “beleza” e “corpo” ou como coloca a autora, “no mundo branco, pessoas negras são reduzidas a um corpo”. Nesse caso, um corpo destituído de subjetividade.

O corpo negro, historicamente foi considerado como um objeto de uso, apropriação e exploração. Dessa forma, criou-se uma perspectiva racista de representar a pessoa negra a partir de “imagens do corpo”. Considerando a sexualidade e força física e desconsiderando a inteligência e a sensibilidade. Como apresenta filme “Vênus Negra”, 2010, dirigido diretor Abdellatif Kechiche, a história de Saartjie Baartman que em outubro de 1810 foi levada da África do Sul à Grã-Bretanha para ter seu corpo exposto e explorado em espetáculos para brancos/brancas.

Figura 2: “Vênus Negra” ou a história de Saartjie Baartman, (Foto SPL)⁶



As reflexões de Grada Kilomba e a história de Saartjie Baartman mostram como o racismo funciona no mundo branco conforme demonstra a Figura 2: “Vênus Negra” ou a história de

⁶ PARKINSON, Justin. Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo. BBC News Brasil. 11 de janeiro de 2016. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab. Acesso em: 27 jan. 2023

Saartjie Baartman – sendo que “A necessidade de transferir a experiência psicológica do racismo para o corpo expressa a ideia de trauma no sentido de uma experiência indizível.” O “indizível” vivido como trauma, transforma-se numa dor em que “[a] agonia do racismo é, portanto, expressa através de sensações corporais expelida para o exterior e inscrita no corpo”. (Kilomba, 2019, p. 161).

Neste jogo de palavras doces e amargas, o sujeito negro é orientado a viver a “dor indizível do racismo” (Kilomba, 2019, p.160) potencializando traumas, isolamentos, exclusões e sofrimentos. Tendo seus corpos explorados através de estereótipo criados pela imaginação dos dominadores. Porém, isso não diz respeito só ao corpo. Conforme Grada Kilomba tem procurado demonstrar, a alma também é vítima dessa imaginação colonizadora, que procurou ao longo dos séculos diminuir, esvaziar e destruir com a subjetividade da pessoa negra.

Em relação a segregação e contágio racial, precisamos perceber, que no mundo criado pelos brancos, e sua divisão geográfica e uma divisão racial. Isso acontece por causa das ansiedades e medos criados pela ideologia do “contágio racial”.

Como dito anteriormente, o fenômeno da “guetificação” tem produzido um espaço social fragmentado e organizado através de fronteiras, que ora são de hostilidade, ora de isolamento. Na verdade, em algumas situações, a hostilidade caminha de mão dadas com o isolamento. E o isolamento e companheira da hostilidade. Neste jogo duplo da exclusão e marginalização as cidades ao redor do mundo, enfrentam problemas sociais (in)diretamente relacionados aos processos de segregação social. Tal fenômeno social, também é chamado de gentrificação⁷.

Usei a cidade como exemplo para explicar como o racismo orienta a organização do espaço geográfico. Porém, se nos aprofundarmos na discussão proposta por Grada Kilomba, percebemos que as fronteiras de hostilidade e fronteiras de isolamento, podem ser aplicadas a organização do espaço subjetivo. Como mostramos estudos em psicanálises sobre patologias da mente, como a ansiedade, depressão, medo, vergonha etc.

Essas patologias são desenvolvidas no interior de uma relação intersubjetiva que o sujeito mantém com a realidade social. De modo que, o não reconhecimento dessa relação (laço social)

⁷ Fenômeno social que (des)organiza o espaço urbano que oferece as melhores oportunidades de moradia, trabalho e lazer as classes médias de alto poder aquisitivo e desfavorece as classes populares de baixo poder aquisitivo. Na prática, as cidades acabam recebendo intervenções com o objetivo que oferecer oportunidades e serviços as classes sociais de maiores prestígio social e financeiro. Em resumo, “embora o lema de muitas dessas intervenções urbanas seja o da criação de diversidade social, ao atrair as classes mais abastadas para o local, geralmente a resultante desse processo é o aumento do valor não só do solo, mas das condições de vida da área, isto é, do valor exigido para a manutenção da sobrevida na região. Com isso, grupos mais populares se veem obrigados a deixar tal localidade por causa desse aumento do custo de vida.”in. GASPARG, dos Santos Samantha. *Gentrification: processo global, especificidades locais?*Ponto Urbe. Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP, 2010. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1575>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

tende a produzir traumas. Sujeitos condicionados a fronteiras sociais (hostilidade e isolamento) potencialmente, podem, apresentam um quadro de sofrimento psíquico.⁸ No Brasil, esse quadro clínico, recebeu o nome de Banzo, que é o sofrimento psíquico de quem não pertence e não se pertence. Em outras palavras, em que não reconhece e não se reconhece.

Desenvolvendo um pouco mais esse ponto, como mostra Kilomba (2019). Essas formas de se perceber e ser percebido, reconhecer e ser reconhecido e representar e ser representar, demarca uma “performance da negritude”. De modo que, “o status de ter de representar a negritude anuncia o racismo.” (KILOMBA, 2019, p.173). Esse “racismo anunciado” sobrecarrega existencialmente o sujeito negro/a, que se percebe (ou não) preso, como dirá Frantz Fanon, a um “esquema epidérmico racial”. Neste “esquema”, o sujeito negro/a é condenado pelo racismo, a viver uma “existência tripla”: i. existência corporal; ii. existência racial e iii. existência ancestral⁹.

Por fim, como mostra Kilomba, a pessoa negra vítima de racismo possível um mecanismo de defesa do ego formado por cinco camadas: a) negação; b) frustração; c) ambivalência; d) identificação; e) descolonização. Essas cinco camadas poderiam, em hipótese, seriam sistematizadas da seguinte forma: a) não reconheço que houve a discriminação; b) reconheço que houve a discriminação, porém, inconscientemente isso me frustrante; c) reconheço que houve a discriminação, mas, inconscientemente e isso ao mesmo tempo que me frustra também me revolta, d) reconheço que houve discriminação e tenho consciência disso; e) reconheço que houve discriminação e tenho consciência que preciso trabalhar pela descolonização do pensamento do Outro ao mesmo tempo de procuro descolonizar o meu próprio *eu*.

5 CONCLUSÃO: DESCOLONIZANDO O EU

“Pessoas brancas não estão ocupadas conosco, por que estamos constantemente ocupadas com elas?” (GRADA KILOMBA, 2019).

Por que devemos nos ocupar? Essa é uma pergunta sem resposta. Na qual, nos leva a pensar em múltiplos caminhos para começar a respondê-la.

8 NOCZYNSKI, Marcia; ALVES, Cristiane. O racismo e o sofrimento psíquico. Jornal GGN. 30 de abril de 2019. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/artigos/o-racismo-e-o-sofrimento-psiquico-por-marcia-noczynsk-e-cristiane-alves/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

9 A série de terror e suspense “Them” produzida pela Amazon ajuda a esclarecer esse caráter “triplo da existência” da subjetividade. Na série acompanhamos a história de uma família da década de 1950 que se muda do Sul dos Estados Unidos para um bairro branco na cidade da Califórnia. Além de enfrentar os traumas do passado, a família Emory, terá que lutar contra seus vizinhos racistas.

O desejo de compreender e ser compreendido é algo poderoso. Ele mobiliza nossa vontade de potência, a libido, a paixão, a revolta etc. O ser humano é contraditório, ambivalente e imperfeito. É isso, é uma ideia óbvia. Porém, de difícil esclarecimento. E o racismo, essa condição social, história e política criada a partir de ideologias de superioridade e perfeição é uma fantasia colonial que assombra a humanidade daqueles/daquelas que são, foram e serão desumanizados em suas ideias, sentimentos e comportamentos.

Mas, o livro de Kilomba é um *quantum* de esperança neste cenário de opressão. Além disso, seu pensamento é uma ferramenta que pode ser utilizada a favor da descolonização de conhecimentos, práticas e sentimentos e, por que não, ser utilizada no processo de descolonização do eu.

Descolonizar é um verbo que precisa transformar-se em ação. E, para concluir, nas próprias palavras de Grada Kilomba, em entrevista para o jornal *El País*: “Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar”.

Referências:

CONCEIÇÃO, G. K. J. A máscara não pode ser esquecida. **Poiésis**, Niterói, v. 21, n. 35, p. 345-362, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poesis/article/view/36386/23370>. Acesso em: 4 jan. 2023.

GASPAR, S. S. Gentrification: processo global, especificidades locais? Ponto Urbe. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1575>. Acesso em: 30 jan. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JORNAL Brasil de Fato. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/26/vinicius-jr-e-alvo-de-ataque-racista-na-espanha-boneco-com-nome-do-jogador-e-enforcad>. Acesso em: 30 jan. 2023.

NOCZYNSKI, M.; ALVES, C. O racismo e o sofrimento psíquico. **Jornal GGN**. 30 abr. 2019. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/o-racismo-e-o-sofrimento-psiquico-por-marcia-noczynsk-e-cristiane-alves/>. Acesso em: 27 jan. 2023.

OLIVEIRA, L. Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. **El País**, Brasil. 11 set. 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html. Acesso em: 4 jan. 2023.

PARKINSON, J. Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo. **BBC News Brasil**. 11 jan.2016. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab. Acesso em: 27 jan. 2023.

SAFATLE, V; NELSON JÚNIOR; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. SAFATLE, V; NELSON JÚNIOR; da S; DUNKER, C. (Org.). São Paulo: Autêntica, 2020.

TENÓRIO, J. Caso Vinicius Junior releva o desejo de morte de uma sociedade racista. **UOL**, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jeferson-tenorio/2023/01/30/caso-vinicius-junior-releva-o-desejo-de-morte-de-uma-sociedade-racista.htm>. Acesso em: 30 jan. 2023.

THEM. Direção: Craig Macneill Daniel Stamm Larysa Kondracki Nelson Cragg. Produção: Amazon Original. Prime Video. (392 min).

VÊNUS NEGRA. Direção: Abdellatif Kechiche. Produção MK2 Productions. França: Imovision, 2019. 1 DVD (162 min).

Enviado em: 03/05/2023

Aceito em: 04/09/2023